

PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL E SUA INFLUÊNCIA PARA A ASCENSÃO DO FASCISMO

Augusto Mezomo Cantarelli ¹

Reginaldo Teixeira Perez ²

Resumo:

Esta pesquisa busca situar o Fascismo em seu contexto histórico para, então, compreender suas origens. Em 1915, um ano após o início da Grande Guerra, a Itália assinou o Tratado de Londres e declarou guerra às Potências Centrais: Império Alemão e Império Austro-Húngaro. A Itália, parte da Tríplice Entente, saiu vencedora da Primeira Guerra Mundial. Todavia os acordos de paz firmados em Versalhes não condiziam, segundo os italianos, com o esforço de guerra por eles realizado. Assim, um clima controverso e de insatisfação formou-se no país. A expressão amplamente usada por jovens estudantes e oficiais recém regressados do fronte, "vitória mutilada", resume o sentimento decorrente da "crise na vitória". O questionamento que emerge desta introdução é: se e como as transformações socioeconômicas decorrentes da IGM contribuíram para a ascensão do Fascismo na Itália. Para isso, investigaremos especificamente quais foram as transformações ocorridas em decorrência do envolvimento na citada guerra para cumprirmos com o objetivo principal que é analisar se essas mudanças contribuíram para a chegada de Mussolini ao poder. Dessa forma verificaremos se a variável independente, a participação da Itália na IGM, liga-se à variável dependente, a ascensão do fascismo. Assim testaremos a hipótese de que as transformações socioeconômicas decorrentes da IGM estão entre as origens da ascensão do Fascismo na Itália. Far-se-á uso dos métodos históricos e de estudo de caso. Bem como das técnicas de pesquisa bibliográfica, documental e eletrônica. Dentre os resultados parciais que a pesquisa, ainda em curso, apresenta é que experiência da guerra como um todo parece ter sido um dos pressupostos imediatos do fascismo. A guerra não criou o fascismo, porém ela criou uma vasta gama de oportunidades culturais, sociais e políticas que foram rapidamente preenchidas pelo movimento fascista. Dessa forma, o espaço político alargou-se, dando oportunidades para um movimento nacionalista, voltado seja contra o socialismo seja contra o liberalismo.

Palavras-chave: Fascismo; Itália; Primeira Guerra Mundial; Sociedade

Modalidade de Participação: Pós-Graduação

PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL E SUA INFLUÊNCIA PARA A ASCENSÃO DO FASCISMO

¹ Aluno de pós-graduação. gutocantarelli@gmail.com. Autor principal

² Docente. rtp10@hotmail.com. Orientador

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca situar o Fascismo em seu contexto histórico para, então, compreender suas origens. A península itálica é uma região de importância histórica milenar, além de ser o berço da Civilização Ocidental. Porém, a Itália como conhecemos hoje, unificada e soberana, foi fundada somente em 1861, como Reino da Itália, cuja família reinante era a Casa de Savóia. Já em 1915, um ano após o início da Grande Guerra, a Itália assinou o Tratado de Londres e declarou guerra às Potências Centrais: Império Alemão e Império Austro-Húngaro.

A Itália, parte da Tríplice Entente, saiu vencedora da Primeira Guerra Mundial (IGM). Todavia os acordos de paz firmados em Versalhes não condiziam, segundo os italianos, com o esforço de guerra por eles realizado. Assim, um clima controverso e de insatisfação formou-se no país. A expressão amplamente usada por jovens estudantes e oficiais recém regressados do fronte, “vitória mutilada”, resume o sentimento decorrente da “crise na vitória”. (CHABOD, 1961,p.11)

O questionamento que emerge desta introdução é: se e como as transformações socioeconômicas decorrentes da IGM contribuíram para a ascensão do Fascismo na Itália. Para isso, investigaremos especificamente quais foram as transformações ocorridas em decorrência do envolvimento na citada guerra para cumprirmos com o objetivo principal que é analisar se essas mudanças contribuíram para a chegada de Mussolini ao poder.

2 METODOLOGIA

Dessa forma verificaremos se a variável independente, a participação da Itália na IGM, liga-se à variável dependente, a ascensão do fascismo. Assim testaremos a hipótese de que as transformações socioeconômicas decorrentes da IGM estão entre as origens da ascensão do Fascismo na Itália. Far-se-á uso dos métodos históricos e de estudo de caso. Bem como das técnicas de pesquisa bibliográfica, documental e eletrônica.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Estando o trabalho ainda em desenvolvimento, carece de resultados contundentes além das discussões que a seguir serão propostas. A Grande Guerra, sucessivamente chamada de IGM, teve início no dia 28 de julho de 1914 com a declaração de guerra da Áustria à Sérvia. O assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando pelo estudante Gavrilo Princip foi seu estopim. À época, o frágil equilíbrio europeu decorria de duas enormes alianças. De um lado Grã-Bretanha, Rússia e França e do outro Alemanha, Áustria-Hungria, Itália e Império Turco-Otomano (Magnoli, 2006). Dessa forma, em poucas semanas formou-se a IGM. Guerra em que se envolveram países não-europeus e “todos os Estados europeus, com exceção da Espanha, os Países Baixos, os três países da Escandinávia e a Suíça” (HOBBSAWM, 1994, p.31).

A Itália não declarou guerra à Entente mesmo sendo membro da Tríplice Aliança desde 1887, dessa forma confirmou a sua duvidosa adesão à aliança. Além disso, a Itália possuía um tratado secreto com a França, datado de 1902, que lhe prometia futuras concessões territoriais (MAGNOLI, 2006). Dessa forma, em 1915 a Itália declarou guerra à Tríplice Aliança após a assinatura do Tratado de Londres. O tratado previa, em caso de vitória, a obtenção por parte da Itália de territórios como o Trento, a Dalmácia e o Trieste (Chabod, 1961).

Mesmo com a vitória, o sentimento de “vitória mutilada” foi geral, sobretudo entre os oficiais que voltavam do fronte e os estudantes. Os esforços despendidos naquela que seria a

última das guerras foram incompreendidos e não obtiveram o retorno esperado na visão dos nacionalistas italianos. O Tratado de Versalhes não trouxe os territórios esperados pela Itália. O desfecho negativo para os italianos se deu em função da análise errada de Sonnino¹ que, ao montar sua política externa baseando-se na velha concepção de que o Império Habsburgo deveria manter-se unido, não negociou da maneira que deveria com os movimentos nacionalistas que surgiam no seio do decadente império. Além da errônea avaliação do ministro Sonnino, Wilson² pareceu querer aplicar os seus famosos “princípios” somente nas relações envolvendo a Itália no Tratado de Versalhes (CHABOD, 1961).

A desilusão do pós-guerra e a experiência no campo de batalha ajudou a separar os civis dos militares. Havia em alguns soldados que retornavam do fronte incapacidade de perdoar quem os havia enviado para aquela situação, assim como o desejo de reivindicar o direito de governar o país pelo qual haviam derramado seu sangue. Balbo³ escreveu:

“quando retornei da guerra, como tantos, eu possuía um ódio à política e aos políticos, que ao meu ver haviam traído as esperanças dos combatentes, reduzindo à uma paz vergonhosa a Itália e a uma humilhação sistemática os italianos que mantinham o culto aos heróis. Lutar e combater para retornar ao país de Giolitti⁴, que fazia mercado dos ideais? Não. Melhor negar tudo, destruir tudo, para tudo renovar desde as bases.” (CHABOD, 1961, p34. Trad. nossa)

A expedição do rival de Mussolini, D’Annunzio⁵, que invadiu juntamente com oficiais e soldados do exército cidade de Fiume⁶ é exemplo das mudanças decorrentes da guerra. O uso da manipulação da opinião pública com fins nacionalistas que, segundo Paxton (2007), todos os países beligerantes fizeram uso, não parou com o final do conflito. D’Annunzio fazia amplo uso de manipulação nacionalista com os veteranos de guerra, a ponto de eles irem contra às ordens do governo e tomarem a cidade de Fiume. Em vista do ocorrido, Nitti⁷, Primeiro Ministro da época, pronunciou a significativa frase: “é a primeira vez que no exército italiano entrou o espírito de sedição, ainda que voltado para um fim muito elevado.” (CHABOD, 1961, p12 Trad. nossa)

Mesmo quando Garibaldi⁸, em 1866, estava com seus homens às portas de Roma⁹ prontos para tomá-la, acatou o telegrama do rei que ordenava o cessar do ataque (Chabod, 1961). Já em setembro de 1919, D’Annunzio contrariou as ordens do governo e proclamou a República de Carnaro¹⁰ (Paxton, 2007). Esse fato demonstra como a política externa, em especial a “Questão

¹ Sidney Sonnino (1847-1922): Ministro das Relações Exteriores italiano nos anos da guerra, assinou o Pacto de Londres (1915) e guiou a delegação italiana, junto com o Primeiro Ministro Vittorio Emanuele Orlando, nas conferências de paz de Paris.

² Woodrow Wilson (1856-1924): 28º presidente dos EUA (1913-1921), elaborou um documento com 14 pontos para a construção de uma nova ordem internacional. Acusou a Itália, nas Conferências de Paris, de pretensões que violavam os direitos de outras nacionalidades, sobretudo dos iugoslavos (CHABOD, 1961).

³ Italo Balbo (1896-1940): veterano da IGM, chefe da Squadra Fascista de Ferrara, antissocialista e um dos mais próximos colaboradores de Mussolini. (PAXTON, 2007)

⁴ Giovanni Giolitti (1841-1928): político liberal de destaque, Primeiro Ministro Italiano diversas vezes entre o final do século XIX e o início do século XX. (CHABOD, 1961)

⁵ Gabriele D’Annunzio (1863-1938): escritor, poeta, político, patriota italiano e aviador durante a I GM.

⁶ Atual Rijeka na Croácia.

⁷ Francesco Nitti (1868-1953): economista e político. Ministro do Tesouro durante a IGM e Primeiro Ministro de 1919 a 1920. Opôs-se à empresa de D’Annunzio no Fiume. Exilado durante o regime Fascista.

⁸ Giuseppe Garibaldi (1807-1882): escritor, militar e patriota. “Herói dos dois mundos”, herói da Unificação Italiana e da Revolução Farroupilha.

⁹ Roma ainda não fazia parte do Reino da Itália em 1866. Foi conquistada pela Itália em 20/09/1870.

¹⁰ Regência Italiana do Carnaro, proclamada em 12/09/1919 por D’Annunzio e pôs fim à empresa do Fiume iniciada das negociações de paz de Paris.

Adriática” (Fiume e Dalmácia), foi capaz de perturbar a ordem interna e, sobretudo, significa que algo na engrenagem do Estado não estava mais funcionando (CHABOD, 1961).

O espírito da Belle Époque contrasta com o sentimento pós-bélico. Os anos anteriores à Grande Guerra foram marcados pelo desenvolvimento das artes, da ciência e da cultura que transformaram o modo de pensar e viver em sociedade. Nessa época, as guerras foram combatidas por forças profissionais, foram breves, localizadas e raramente envolveram a sociedade civil. Por isso, a guerra que se iniciou como um conflito balcânico e transformou-se em uma guerra total, gerando o massacre de uma geração inteira, fez com que muitos europeus sentissem que a sua civilização, com suas promessas de progresso e paz, houvesse falido. (PAXTON, 2007)

A Itália havia sido unificada havia pouco mais de 50 anos quando entrou em guerra contra os Impérios Centrais. Além do mais, diferentemente de países como a França e a Inglaterra que possuíam tradição militar e de participação em grandes guerras, a Itália teve na Grande Guerra a sua primeira grande prova militar.

Ademais os governantes italianos acreditavam em uma guerra de curta duração. A concretização de um confronto cruel e prolongado arruinou a economia nacional que era muito menos rica em comparação às outras grandes potências. Essa inferioridade pode ser destacada em diversos aspectos que afetavam diretamente a população. A alimentação média italiana, em 1914 era de aproximadamente 3200 calorias, número bem inferior, por exemplo, ao consumo médio dos ingleses. O salário médio italiano era quase três vezes menor que o salário médio britânico. Além disso, o déficit financeiro e produtivo tornava a economia italiana e sua população vulneráveis. (CHABOD, 1961)

Nesse contexto, o esforço prolongado de guerra foi impactante para o país. O governo italiano não se preparou para um conflito militar de longa duração. Assim, o endividamento cresceu notoriamente. As despesas do Estado que eram em 1913/14 de 2,501bi de liras, passaram para 30,857 bilhões em 1918/19. Além disso, o déficit passou de 214mi em 1913/14 para 23,345 bi em 1918/19. (CHABOD, 1961)

As consequências das despesas foram graves para o Estado. Na tentativa de reequilibrar as contas públicas, o aumento da carga fiscal atingiu, sobretudo, a pequena e a média burguesia e os pequenos proprietários. De outra parte, a significativa desvalorização da lira italiana (em 1920 a lira valia um quinto da lira de 1914) empobreceu ou até arruinou quem havia investido em títulos do Tesouro Italiano.

Findada a guerra, não se concretizaram as esperanças de que com a chegada da paz a estabilidade econômica retornaria. A paz não trouxe “tranquilidade financeira para grande parte da burguesia que até aquele momento havia constituído a base da vida pública italiana” (Chabod, 1961, p.17). Acrescenta-se a isso os jovens que retornavam do front e, reintegrando-se à vida civil, viam-se ultrapassados por aqueles que não haviam combatido na guerra.

A classe média havia sofrido pelo modo que a guerra havia se desenvolvido. A insatisfação e o descrédito com os primeiros anos de paz tornaram ainda mais instáveis as relações entre população e Estado. Na zona rural cresce a reivindicação por terra pelos trabalhadores rurais.

A Itália da época era um país predominantemente rural. A maior parte da sua economia era proveniente da agricultura, assim como a renda de grande parte das famílias italianas. Em 1914, 55% da população dedicava-se à agricultura. Em 1862 o índice era ainda maior, 75%. Esses dados eram significativamente mais elevados do que outros países europeus como a França, 43%, Alemanha, 35%, e Grã-Bretanha, 12%. (CHABOD, 1961)

Nesse período, segundo Chabod (1961), havia 5 milhões de proprietários de terra. Desse número, nove décimos possuíam menos de 1 hectare. Ou seja, nove décimos dos proprietários agrícolas possuíam juntos, menos de 3 milhões de hectares de um total de 22 milhões cultiváveis. Isto significa que uma massa de trabalhadores rurais não possuía terra o suficiente

que a permitisse retirar seu sustento integralmente da própria produção agrícola. Nesse contexto, esses camponeses precisavam arrendar uma porção de terra ou trabalhar para os grandes e médios latifundiários.

Deste modo, os camponeses sustentam-se emprestando sua força de trabalho para os médios e grandes proprietários em troca de salários. Esse cenário os torna vulneráveis a crises econômicas em que veem seus salários serem reduzidos ou até serem demitidos. Mesmo em momentos de estabilidade de preços e de produção, a vida dos camponeses que não tiram da sua terra o seu sustento é duríssima: o trabalho muitas vezes é sazonal e o salário, sobretudo na Itália Meridional, lhes permite viver uma vida miserável. (CHABOD, 1961)

Assim, os camponeses possuem “fome de terra”. Esse sentimento é exasperado pela guerra, onde grande parte dos combatentes do exército italiano são provenientes da zona rural, pequenos produtores e camponeses em geral. Por isso o retorno desses ex-combatentes suscita dúvidas: o que fazer com eles quando a guerra tiver acabado? (CHABOD, 1961)

Durante a guerra cresceu o debate em torno à distribuição das terras não cultivadas. O deputado Ciccotti¹¹ propôs projeto de lei em favor dos camponeses sem terras. O governo fez promessas de terras, em momentos de dificuldades durante a guerra, sobretudo após o desastre de Caporetto.

Retornados da guerra, os ex-combatentes viram suas expectativas por terras frustradas e buscaram reivindicar seus direitos. Em julho/agosto de 1919, ocuparam as terras não cultivadas no entorno de Roma. Bandeiras vermelhas e marchas marcaram o movimento. Porém, não foram somente os “vermelhos” que participaram. Camponeses da Confederação Geral do Trabalho¹², trabalhadores braçais que aderiram às “ligas vermelhas” participaram juntamente com os católicos (membros do Partido Popular) considerados, nesse caso, “bolcheviques brancos”. Os “brancos” e os “vermelhos” participaram juntos das ocupações ainda que a solução para estes fosse a contratação total da mão de obra disponível no mercado e para aqueles a criação de empresas agrícolas com a participação de todos nos lucros. (CHABOD, 1961)

Assim, cresceram e espalharam-se as reivindicações dos pequenos produtores e dos trabalhadores rurais em detrimento dos médios e grandes proprietários de terra. Ainda que a Itália fosse um país predominantemente agrário, havia passado por uma significativa industrialização, sobretudo no Norte, da sua unificação até a IGM. A crescente industrialização desenvolveu a economia italiana, mas gerou uma nova fonte de tensão na sociedade: a ascensão do proletário italiano.

A produção italiana do pós-guerra ainda era fortemente marcada pela produção artesanal. Em 1911, dos 243.926 estabelecimentos, 160.496 não empregavam mais de 5 pessoas incluindo o proprietário (Chabod, 1961). Por outro lado, o triângulo do desenvolvimento industrial italiano, formado por Turim, Gênova e Milão, destacava-se como centro industrial de uma Itália moderna e em processo de industrialização. Nesse sentido, a guerra foi um fator de desenvolvimento para a indústria e para a economia italiana.

O proletariado, sobretudo o especializado como o da FIAT, organizou-se e passou a ter ciência da sua própria força. Os trabalhadores ligados ao movimento socialista e comunista encontraram líderes políticos como Gramsci¹³ e organizaram-se em fortes sindicatos. Para exemplificar, a já mencionada Confederação Geral do Trabalho, socialista, contava com 2,15 milhões de aderentes no ano de 1920. O ponto de referência e exemplo a ser seguido dessa massa operária politizada e organizada era a Rússia Bolchevique, tendo Lenin como figura máxima desse movimento político. Nesse cenário, De Felice (1998) destaca a forte

¹¹ Ettore Ciccotti (1863-1939): membro do partido socialista até 1915; opositor do regime fascista.

¹² Confederazione Generale del Lavoro: organização sindical dos trabalhadores italianos fundada em 1906 em Milão, de inspiração socialista. Foi fechada pelo regime fascista.

¹³ Antonio Gramsci (1891-1937): militante socialista; fundador e diretor da revista “Ordine Nuovo”; fundador do Partido Comunista Italiano (PCI); foi preso pelo regime Fascista.

ideologização das massas e a mitificação das revoluções, especialmente a Revolução Russa, como fatores fundamentais na crise italiana.

Na intenção de uma revolução aos moldes bolchevista, os operários conseguiram notáveis concessões das elites industriais como a jornada de trabalho de oito horas e aumentos salariais. Assim, os interesses proletários iam bem além das conquistas imediatas como as anteriormente citadas. Nesse sentido, os operários possuíam uma “vontade política revolucionária bem mais clara e mais precisa, como é natural, que nas massas camponesas” (CHABOD, 1961, p.26)

Por outro lado, o desenvolvimento socialista atrelado aos movimentos operários foi lento em relação a outros países europeus como a França. O socialismo italiano manteve-se alinhado às diretrizes da Internacional Socialista e declarou neutralidade e até repúdio em relação à guerra, de acordo com o princípio da II Internacional Socialista “guerra a guerra”. Dessa forma, os socialistas italianos não conseguiram superar os conflitos entre a “pátria” das classes burguesas e a “Internacional” das classes operárias a fim de cooptar essas camadas ao movimento socialista.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A propaganda nacionalista que levou a Itália à guerra em 1915, o “maio radiante”, tornou-se um elemento propagandístico do fascismo. A experiência da guerra como um todo parece ter sido um dos pressupostos imediatos do fascismo. A guerra não criou o fascismo, porém ela criou uma vasta gama de oportunidades culturais, sociais e políticas que foram rapidamente preenchidas pelo movimento fascista. Dessa forma, o espaço político alargou-se, dando oportunidades para um movimento nacionalista, voltado seja contra o socialismo seja contra o liberalismo. (PAXTON, 2007)

Dentre as oportunidades no plano social está o exército de veteranos insatisfeitos. Eles e os jovens que não participaram diretamente da guerra, por invalidez ou idade, mas que por ela foram influenciados, estavam ansiosos por desafogar a raiva e o desengano desconectando-se das leis e da moral tradicional. Do ponto de vista da política, foram desencadeadas tensões sociais e econômicas que transcenderam as capacidades institucionais vigentes, fossem liberais ou consertadoras. No plano moral e cultural, a difusão da reação ao positivismo e a aceitação de tendências irracionais, céticas-relativistas e elitistas pôs em crise os modelos culturais tradicionais e sua autoridade. (PAXTON, 2007)

REFERÊNCIAS

Livros

CHABOD, Federico; GALASSO, Giuseppe. **L'Italia contemporanea:(1918-1948)**. Turin: Einaudi, 1961.

DE FELICE, Renzo. **Fascismo**. Ed. Luni. Milão, 1998.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era dos Impérios: (1875 – 1914)**. 19ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

MAGNOLI, Demétrio. **História das Guerras**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

PAXTON, Robert. **A anatomia do Fascismo**. Ed. Paz Terra. 2007.